

* Adivinhando a incompreensão do futuro,
que de algum modo sempre tem atingido
os grandes homens-poetas, ALV deixou uma
poesia aos seus amigos, que não julgou digna
de publicação (e permaneceu inédita até 30
de março de 1966, quando apareceu num
artigo inserido no jornal O Século), em que
procura, com ironia, demonstrar como por
vezes os opostos parecem conjugar-se na
definição de uma mesma pessoa, que a tudo
isso permanece tão alheia:

SOBRE MIM MESMO

Discutir? *Que* maçada! Vou
dizer quem sou — um pobre artista.
E quanto a política sou
anarquista e sebastianista.

Delicioso meu destino!
Todos dizem de mim, com graça:
Os talassas — que jacobino!
Os Jacobinos — que talassa!...

Mas alma jacobina ou acácia
exactamente igual fedor!
E eu sou entre todo este horror
um rouxinol que estuda Farmácia!



ESCOLA SECUNDÁRIA DA GÂNDARA DOS OLIVAIS — AFONSO LOPES VIEIRA
COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DA ESCALVIEIRA: 22 NOVEMBRO 2012

ISBN
978-989-97836-2-1

BREVE
ANTOLOGIA
Ð
TEXTOS



Ð
AFONSO
LOPES
VIEIRA
(1878 - 1946)

SELEÇÃO Ð CRISTINA NOBRE

CANÇÃO DE ABERTURA

Oh minha alma, minha amada,
minha alta e bela infantina,
na toada longa e fina
adormece enamorada.

Adormece e sonha (entanto
que eu sofro por ti, oh Linda)
na ilha do teu encanto,
para além da névoa infinda.

Até que um dia, expirando
ao dizer-te o adeus de dor,
nos fiquemos esperando
lá no fim do mundo, amor!

ALV 1922
País Lilás, Destêrro Azul: 15-17.

Onde a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar largo
[se arremessa.

Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o Verde pino que em glória
[floreça,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som
[esmoreça,
novas da minha pátria — além, além!...

ALV 1940
Onde a terra se acaba e o mar começa.



NAU CATRINETA

Vem da fome e da procela,
e a nau vai emfim varar.
Mas o gran capitão dela
chega a terra, ei-lo a chorar.

Chorou a Nau Catrineta
e os perigos de navegar;
e mais a graça secreta
que o Demo tem p'ra tentar.

Beijou as filhas, e ao lume
sentiu o calor do lar...
Mas sente e sorve o perfume
da brisa que vem do mar.

Com os seus sentou-se à mesa,
bom vinho, farto manjar...
Mas come com a tristeza
de ave presa, ansiosa do ar.

— Boa é a fome e o Demo é lindo
(disse êle) e é bom naufragar! —
Não pôde mais e, sorrindo,
desce à praia e faz-se ao mar!...

ALV 1922
País Lilás, Destêrro Azul: 53-4.

BALADAS PARA EMBALAR A MINHA ALMA

À minha Alma

Oh minha alma, minha amada,
tu és a bela infantina,
tal uma antiga Menina
em torre escura fechada.

E eu sou para ti, na dor
de te amar, o cavaleiro
saído do Romanceiro,
com alto e fiel amor.

Assim nos queremos nós,
ao amor a à dor tão prontos.
Ouve, pois, os lindos contos
que eu conto na minha voz.

Na doce luz e nas finas
neblinas de Portugal,
serás uma das meninas
debaixo do laranjal.

Embala-te a escutar
as vozes vivas da Lenda;
serei o do “bel-cantar”
e tu serás Dona Ausenda.

É só para ti que eu canto,
para ti, único amor,
que me consolas no pranto
e que me afinas na dor.

Cumpramos até ao fim
o destino português:
o roussinol, que há em mim,
gorgeando o Era uma vez...



CASA DE S. PEDRO

Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroadado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,

aí vivi, sonhei eu
ao som do mar, que tangia;
os sonhos, êle m'os deu,
ditava, e eu escrevia. [...]

Afonso Lopes Vieira 1917
Ilhas de Bruma: 5



CASA DE S. PEDRO

I.

TEXTOS BREVES

(para o verso de bilhetes ou pacotes
de açúcar, e outras nobres ideias...)

XXIII

Nestas canções vive o meu
coração, cujo amor louvo;
não longe sente-se o povo,
mas nelas quem está sou eu.

Música de cada dia,
colho-a na alma ou no ar...
Porque para mim poesia
é o que se pode cantar.

XX

Os meus versos estão cheios
destas rimas — *dor e amor*.
É monótono? Mas leio-os
e continuo a compor.

E continuo, com dor,
juntando as rimas eternas,
que se beijam, bôcas ternas,
nos lábios de dor e amor!

ALV 1922

País Lilás, Desterro Azul:

127 e 122

LINDA INÊS

Choram ainda a tua morte escura
Aquelas que chorando a memoraram;
As lágrimas choradas não secaram
Nos saudosos campos da ternura.

Santa entre as santas pela má ventura,
Rainha, mais que todas que reinaram;
Amada, os teus amores não passaram
E és sempre bela e viva e loira e pura.

Oh Linda, sonha aí, posta em sossego
No teu muimento de alva pedra fina,
Como outrora na Fonte do Mondego.

Dorme, sombra de graça e de saudade,
Colo de Garça, amor, moça menina,
Bem-amada por toda a Eternidade!

ALV 1917

Ilhas de Bruma: 81.

O ROUSSINOL

O Roussinol, na espessura,
num ramo por sobre a água,
gorgeia, exala e murmura
o canto da sua mágoa.

Põe-se o silêncio escutando,
e suspira, ouvindo a endecha;
e as árvores, ramalhando,
choram e escutam a queixa.

Eis senão quando, de absorto,
cala o roussinal sua mágoa,
e lá do alto vem morto
e vai levado na água...

Roussinol, teu canto, ecoando,
é eterno de graça e de dor:
amas e choras cantando,
calas-te e morres de amor.

ALV 1917

Ilhas de Bruma: 65.

O ENCOBERTO

Cavaleiro do Sonho e do Desejo,
guarda no santo Graal,
com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
— o sangue de Portugal.

Sonho de além e de glória,
há tanto, há tanto
o sonha um Povo inteiro!
Maravilha e encanto
da nossa história:
— oh Manhã de Nevoeiro...

Oh manhã misteriosa
que alvoreces em nós
teu rompante claror,
teu messiânico alvor,
manhã de além, alva saudosa,
— tu és a nossa força que não passa,
teu sonho em nós revive ao longe
[e ao perto,
manhã sem dia, oh manhã de Graça,
em que há de vir o Encoberto...

Místico Paladino iluminado,
que ao areal arrastou nossa alma
[em flor
e jogou a sorrir nosso destino e sorte
ele era vivo antes de Desejado,
ele era vivo em nosso sonho e amor,
— e nunca o levou a morte!

Ele é vivo e é eterno! Horas ansiadas
em que eu o sinto, no meu sangue,
[em mim...
Ele vive nas Ilhas Incantadas
da nossa alma sem fim...

E, oh maravilha!
em toda a hora de perigo e do temor,
o Encoberto volta da sua Ilha,
e salva-nos, e salva-nos, Senhor!...

E a Esperança imortal,
surda palpita na manhã rompente!
Cerra-se a névoa alucinadamente,
Portugal bóia no nevoeiro...

E o Cavaleiro
do Sonho e do Desejo
guarda no santo Graal,
com a nossa Saudade e o nosso Beijo,
— o sangue de Portugal.

ALV 1917
Ilhas de Bruma: 37-39.

IX

Dores da pátria, tão graves,
fundas como o céu e o mar!
— Mas, Portugal, todo cabes
num verso lindo a cantar.

Desisto de épicos temas,
do fôlego da inspiração!
Renuncio aos longos poemas,
a poesia é uma canção.

Tal no clangor da Epopeia
a côr ao meu gesto mudo.
— Basta uma lágrima cheia
de uma saudade de tudo!

XVIII

Minha esperança não finda
e, para mim, Portugal
é dos netos dos que ainda
estão no ventre maternal.

Se vejo um ventre de mãe,
penso: — Os netos dêste, um dia,
hão-de ter pátria e também
amar a terra e a poesia.

Oh Portugal deslumbrante,
para afinal seres assim,
basta que passe um instante
nêste quadrante sem fim!

ALV 1922
País Lilás, Desterro Azul:
103-4 e 118-9

VERDADE

Tão bela é a sua natureza,
sua harmoniosa e chan simplicidade,
que ha mentiras que ainda têm belêza:
as que são uma sombra de Verdade.

DESHOMENS

Vão uns criando, outros desfazendo:
já bem perto a verdade daqui fôra,
se á dos homens não fôsse respondendo
dos deshomens a alma negadôra!

ALV 1906
Ar Livre: 197 e 198

O POÊMA E A DÔR

Da memória da tua dôr supréma,
e não da tua dôr, faze um poêma.
Mas se falas daquela dôr, — então
é que já tens curado o coração.

PODÊR DO AMÔR

Numa mulher amada ha a belêza
que ensina o homem a vivêr, a amar;
nessa mulher ama-se a Naturêza,
como num búzio se adivinha o mar.

ALV 1906
Ar Livre: 201 e 202



CASA DE S. PEDRO

2.

TEXTOS MENOS BREVES

(aproximados dos 500-800 caracteres)
para fins mais intelectuais(!)

Um jornalista perguntou-me hoje qual dos meus livros era o que eu preferia. — Belo ensejo para Narcisos! Mas eu, sinceramente, prefiro os que hei-de fazer, se os fizer. Todavia, tenho uma brochura que, quando a lembro, me enternece pela religião com que a escrevi e me parece às vezes uma rapsódia nacional — *Bartolomeu marinheiro*.

ALV 1922

Em demanda do Graal: 315-6.

O povo português é tão fácil de governar que desta mesma facilidade a dificuldade resulta. Para que nos desgovernássemos assim, é em verdade preciso que o doce rebanho viesse a ter pastores hidrófobos.

ALV 1922

Em demanda do Graal: 316.

Lembrança

Ninguém chorou jámais lágrimas tão desoladas como eu, quando estudei aritmética. Os meus explicadores ficavam estupefactos perante um rapazinho pálido e transido que pegava no giz com um horror que eles não compreendiam e contudo começava no sabugo das unhas. Uma vez meu Pai comprou-me um quadrinho negro, de papelão endurecido onde o giz não guinchava, e de altura infantil, emmoldurado como um espelho em pinho alegre, com sua tripeçazinha da mesma madeira envernizada, a fim de proporcionar conforto ao matemático.

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Escuto em mim: — oiço a grita da rude gente afita:

— Senhor Deus, misericórdia!

— Virgem Mãe, misericórdia!

Doidos de fome e de terror varados, gritamos nossos pecados e sai de cada boca rouca e louca a confissão!

— Senhor Deus, misericórdia!

— Virgem Mãe, misericórdia!

E o vento geme

no bulcão

sem astros;

anoitecemos sem leme,

amanhecemos sem mastros!

E o mar e o céu, sem fim, além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Ah! Deus por certo conhece

minha voz que se ergueu, branca e

[sozinha,

— flor de angústia a subir aos céus varados p'la dor da ladainha!

Transido, o clamor da prece

do mesmo sangue nos veio.

Deus conhece os meus olhos alongados

onde o mar e o céu deixaram

um pouco de vago anseio

nesse mistério longo do seu halo...

Rezam em mim os outros que rezaram

e choraram também;

há um pranto português, e eu sei chorá-lo

com lágrimas de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Oh meu amor, repara

nos meus olhos, na sua mágoa clara!

Ainda é de além

o meu olhar de amor

e o meu beijo também;

se sou triste, é de outrora a minha pena,

de longe a minha dor

e a minha ansiedade.

Vê como te amo, vês?

Meu sangue é português,

minha pele é morena,

minha graça a Saudade,

meus olhos longos de escutar sem fim

o além em mim...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

ALV 1917

Ilhas de Bruma: 15-19.

SAUDADES TRÁGICO-MARÍTIMAS

foste tu que lhe deste a tua carne em flor
e sobre os mares andaste navegando,
rodeando a terra e olhando os novos astros,
ó gótico Pinhal navegador,
nas naus erguida levando
tua alma em flor na ponta alta dos mastros...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que grande saudade, que longo gemido
ondeia nos ramos, suspira no ar.

Na sussurrante e verde catedral
ouço rezar a alma de Portugal:
ela aí vem, dorida, e nos seus olhos,
sonâmbulos de surda ansiedade
no roxo da tardinha,
abre a flor da Saudade;
ela aí vem, sozinha,
dorida do naufrágio e dos escolhos,
viúva de seus bens
e pálida de amor,
arribada de todos os aléns
de este mundo de dor;
ela aí vem, sozinha,
e reza a ladainha
na sussurrante catedral aonde
toda se espalha e se esconde,
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz
do mar...

ALV 1917
Ilhas de Bruma: 75-78.

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Na praia, de bruços,
fico sonhando, fico-me escutando
o que em mim sonha e lembra e chora
[alguém:

e oiço nesta alma minha
um longínquo rumor de ladainha,
e soluços,
de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

São meus Avós rezando,
que andaram navegando e que se foram
olhando todos os céus;
são eles que em mim choram
seu fundo e longo adeus,
e rezam na ânsia crua dos naufrágios;
choram de longe em mim, e eu oiço-os bem,
choram de longe, em mim, sinais,
presságios,
de além, de além...

Chora no ritmo do meu sangue o Mar.

Naufraguei cem vezes já...
Uma, foi na nau San Bento;
e vi morrer, no trágico tormento,
dona Lianor de Sá:
vi-a nua, na praia áspera e feia,
com os olhos implorando
— olhos de esposa e mãe —
e vi-a, seus cabelos desatando,
cavar a cova e enterrar-se na areia.
E sozinho me fui p'la praia além...

Era um móvel de estudo que tinha a graça
de um móvel de toilette virginal e fôra de
certo imaginado por um fino discípulo
de Froebel. E êste quadrinho bastou, se
não para me reconciliar com a aritmética,
ao menos para atenuar grandemente as
minhas crises nervosas. Vi hoje uma aula
oficial de Lisboa — e transiu-me uma
enorme melancolia. Lembrei-me então
do meu quadrinho amável.

ALV 1922
Em demanda do Graal: 318-9.

Portugal vive de uma íntima força
prodigiosa, que explica só por si a
prodigiosa resistência da sua seiva:
— em todo Portugal fala-se a mesma
língua. Desentendemo-nos na mesma
linguagem; e, na evidente decadência
em que tombamos, êste elo de coesão
espiritual é tão forte, que basta para
fazer-nos discernir porque ainda vivemos.
Vivemos por obra e graça da linguagem.

ALV 1922
Em demanda do Graal: 349.

O primeiro dever de qualquer homem é
falar e escrever com correcção a sua língua.
Mas o primeiro dever de qualquer escritor
não é só falar e escrever com correcção a
sua língua, — mas conhecê-la toda como
virtuose, amá-la toda como artista, e
respeitá-la toda como sacerdote. Velho ou
novo, que importa?, adolescente audacioso
ou prudente académico, o escritor que não
conhece, não ama ou não respeita a sua

língua, é já de si espectáculo grotesco: é
um pintor sem braços, bom para pintar
quadros nas arenas; e é o mais imoral dos
artistas, porque é o artista sem técnica!

ALV 1922
Em demanda do Graal: 351.

Portugal é uma pátria de poesia porque a
sua imortalidade vincula-se nos seus poetas.
Talvez no cativo de algum dia os
portugueses nostálgicos busquem reaver
o que já para nós quási é perdido. E num
canto dos Lusíadas ou num diálogo de
Gil Vicente, com um sabor de infinito
ou com um sabor de torrão, êles a pátria
podem rehavê-la no que ela tem de sagrado
— o gasalhado da terra e a tradição da
linguagem.

ALV 1922
Em demanda do Graal: 370.

I3
Singular, maravilhoso destino o desta
Língua! Derramou-se no orbe e jàmais
passou a fronteira; enraizou-se no cabo
do Mundo e nunca pegou em Badajoz. Já
lhe chamei a noiva do Mar e, com efeito,
o Mar foi o nosso mestre de linguagem.
Atravessar o Atlântico é sentir isto mesmo:
a nossa Fala acena-nos de longe, das costas
Africanas e dos derramados Arquipelagos,
e, quando a gente um dia desembarca, ela lá
está, tôda irisada ao sol!...

ALV 1942
Nova demanda do Graal: 292.



CASA DE S. PEDRO

3.

LEMAS MNEMÓNICOS

(para abusar com distinção...)
por ordem de prioridades

... reaportuguesar Portugal
tornando-O europeu ...

... Portugal, simples pretexto
para o litoral ...

... Lavrador do mar / se semeio espuma
/ colho e ceifo bruma / ponho-me a
cantar ...

... Viajo sem fim por esse
infinito mar de mim ...

... Chora no ritmo do meu sangue,
o mar ...

POEMA DE ABERTURA

Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m'os deu,
ditava, e eu escrevia.

Com saudades no peito me estremece
um roussinol... Canto em mim.
Meu coração gorgeia e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.

Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tão fundo sentimento,
que fui pregador e em prosa
fiz meus sermões de Admiração ao vento.
Oh Portugal, florida alpendurada
sobre o mar, coisa saudosa...
Esta é a Pátria ditosa
minha amada, minha amada!

Mas as saudades, sob a Lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros de el-rei Dom Denis
e ondas da “Nau Catrineta”.

E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Sou o senhor donatário
das minhas Ilhas de Bruma.

Revivei na minha alma, oh velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saudade...

ALV 1917
Ilhas de Bruma: 5-7.

PINHAL DO REY

Catedral verde e sussurrante, aonde
a luz se ameiga e se esconde
e aonde ecoando a cantar
se alonga e se prolonga a longa voz do mar,
ditoso o Lavrador que a seu contento
por suas mãos semeou este jardim;
ditoso o Poeta que lançou ao vento
essa canção sem fim...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
Rei Dom Dinis, bom poeta e mau marido,
lá vem as velidas bailar e cantar.

Encantado jardim da minha infância,
aonde a minh'alma aprendeu
a música do Longe e o ritmo da distância
que a tua voz marítima lhe deu;
místico órgão cujo além se esfuma
no além do oceano, e aonde a maresia
ameiga e dissolve em bruma
e em penumbras de nave, a luz do dia.
Por estes fundos claustros gemem
os ais do Velho do Restelo...
Mas tu debruças-te no mar e, ao vê-lo,
teus velhos troncos de saudosos fremem...

Ai flores, ai flores do Pinhal florido,
que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
são as caravelas, teu corpo cortado,
é lo verde pino no mar a boiar.

Pinhal de heroicas árvores tam belas,
foi do teu corpo e da tua alma também
que nasceram as nossas caravelas
ansiosas de todo o Além;

ESPUMA

Mais leve que a pluma
que no ar balança,
pela praia dança
a ligeira espuma.
Dançando se afaga
no alado bailar!
Pétalas da vaga,
poeira do mar...

Espuma de neve,
ergue-a num momento
a curiosa e leve,
vaga mão do vento.
Mas o vento, achando
que da mão lhe escorre,
com ela brincando
pela praia corre...

Eis se ergue e dissolve,
coisa láctea e pura,
onde o luar se envolve
na fervente alvura.
Espuma levada
das águas ao rés,
renda evaporada,
jóia das marés!

Mais leve que a pluma
que no ar ondeia,
pela fina areia
baila, aérea, a espuma.

E na dança etérea,
que implacável ronda!
Bafo da matéria,
penugem da onda...

ALV 1911

Canções do Vento e do Sol: 79-80.

FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!
E rezo agora a minha prece.
Falar de crianças, é rezar.

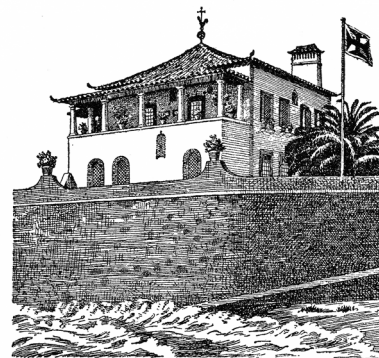
Oh! pensar que elas hão-de crescer
e ser os homens de algum dia!
Pensar que toda esta alegria
se enflora agora para mais não ser!

Mas que pena, meu Deus, que as crianças
não fiquem toda a vida assim,
enchendo a Terra de risos e esperanças,
florindo a nossa vida até ao fim!

Oh! pensar que elas hão-de crescer,
tudo nelas mudar quanto se vê,
e que hão-de, como nós, saber, sofrer,
e ser homens — ser maus, que o mesmo é...

A noite cai, mal amanhece,
o dia vai, pra não voltar...
Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!

ALV 1917

Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann.

CASA DE S. PEDRO

4.

POEMAS
SEMPRE
BELOS

(para abusar sem distinção:
até servem para fazer canção...)
para cada leitor atribuir uma
ordem de prioridades

* Muito moço ainda, em 1899, mas já com a morte na linha do destino, escreve ALV este pequeno poema muito pouco divulgado, por ter aparecido numa revista de Arte e Critica, de Viseu, de nome *Ave-Azul*.

O MEU EPITAPHIO

Lembrar é doce, mas dóe...
Que vos lembre esta cruz preta
Alguem que na vida foi
Bom portuguez e mau poeta.

Amou e foi desamado,
Nunca na Vida deu nada;
Foi leal, e atraídoado,
E amou sua Patria amada.

E elle pede ás raparigas
Que por aqui vão com Deus,
Que cantem suas cantigas
E que lhe digam adeus...

PASSEIO AO SOL

Deixo enfim os asfaltos da cidade
E os céos de magoa, verdes,
 [em estagnancia,
E ao ar livre que sabe a mocidade
Encho os meus pulmões d`ar e a alma
 [d` infancia.

Neste regresso á tranquillidade
Por caminhos ao sol, vou numa ancia,
Bebo o ar, bebo o sol, bebo a saudade
Que se evola dos longes, a distancia...

Acenam-me de longe os pinheiraes;
Quando eu passo, uma nora que gemia
Vae moendo a sua dôr, e pôe-se
 [aos ais...

E ao sol, em meio da sonhada Paz,
Sinto nascer em mim a nostalgia
Das cidades, à noite, à luz do gaz...

ALV 1897
Para Qué?: 55-6.

A ULTIMA CANTIGA

Esta palavra Saudade
Aquelle que a inventou,
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou.

ALV 1900
O Meu Adeus: 41.

OS BÚZIOS

Vive em nós, canta em nós,
continuamente,
esta voz de lá-longe sussurrante,
a errante e vaga voz do mar ausente;
voz antiga e dormente, a cada instante
revive em nós e, rumorosamente,
é sempre diferente e semelhante;
vive em nós, canta em nós,
longinquamente,
cabe nas nossas conchas, expirante,
tôda a alma da água, longa e ingente;
voz antiga e dormente, alma distante,
errante e vaga voz do mar plangente,
é voz e é alma, é vaga e é constante;

vive em nós, canta em nós, eternamente...

ALV 1906
Ar Livre: 171.

NO TRONCO DUM PINHEIRO DA FLORESTA

A infinita frase dos pinhaes
cantou embaladora à minha infância,
e ficou em minha alma a ressonância
destas religiosas cathedraes...

Em cada inverno as árvores doridas
fogem do mundo, deixam-no sozinho;
só estas, sempre fielmente erguidas,
mantêm no mesmo gesto igual carinho.

Verdes amigos certos para a gente,
têm a constância na adversidade,
dão a saude e ensinam a bondade,
— a Bondade: justiça sorridente.

ALV 1908
O Pão e as Rosas: 103.